

A ESTÉTICA DO REALISMO ANIMISTA EM O DESEJO DE KIANDA, DE PEPETELA

Antonia Beatriz Da Silva Chaves¹
Sueli Da Silva Saraiva²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as estratégias narrativas que apontam a configuração do realismo animista no romance *O Desejo de Kianda* (1995), do escritor angolano Pepetela. A análise focaliza as personagens do enredo envoltas em acontecimentos insólitos cujo eixo é a figura mítica da Kianda. Parte-se da reflexão sobre o animismo africano em culturas tradicionais como fundamento do chamado “realismo animista” como possibilidade teórico-literária justificada, inclusive, pela ideia firmemente defendida por Alejo Carpentier sobre o “real maravilhoso americano” em *O reino deste mundo* (1949). Para a abordagem do contexto angolano, nosso referencial teórico baseia-se principalmente em trabalhos de pesquisadores contemporâneos das literaturas africanas que atestam a viabilidade do novo conceito, dentre os quais destacamos as pesquisas de Garuba (2003), Saraiva (2007) e Silveira e Vargas (2014). O trabalho conclui que o realismo animista seria, pois, uma manifestação cultural na obra em análise. Foram identificadas alusões às tradições angolanas de cunho animista, sobretudo, àquelas que se manifestam através da cultura da oralidade como forma de explicar os acontecimentos, que, na narrativa são vistos como aparentemente naturais, mas que só encontram sentido quando vistos sob a ótica de um estatuto real-animista do pensamento.

Palavras-chave: realismo animista literaturas africanas de língua portuguesa Pepetela o desejo de Kianda .

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literatura, Discente,
biahsilva123@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literatura, Docente,
suelisaraiva@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

Nos estudos contemporâneos das literaturas africanas, o *realismo animista* designa uma compreensão literária de uma prática africana de “continuamente reencantar o mundo”, alinhando-se ao pensamento de estudiosos como o sul-africano Harry Garuba, quando identifica nas modernas sociedades africanas: “uma manifestação de um inconsciente animista, que opera através de um processo que envolve [...] um reencantamento contínuo do mundo” (GARUBA, 2012 [2003], p. 238) .

A referência literária a essa “organização do mundo dentro de uma cosmovisão basicamente ‘mágica’” foi descrita como uma ideia de uma formulação artística que contivesse os elementos do insólito ficcional em oposição ao “realismo fantástico” definido por Todorov e popularizado no decorrer do século XX . O expoente desta renovação estética, mais próxima ao animismo descrito pelo sul-africano Garuba, foi o cubano de origem suíça Alejo Carpentier (1904-1980).

No prólogo do seu famoso romance *O reino deste mundo* (1949), Carpentier conta que durante a sua passagem pelo Haiti, na década de 1940, se atentou para certa realidade maravilhosa na cultura do país, ao sentir os “sortilégios” e encontrar as “advertências mágicas”, presentes nas estradas de terra vermelha (CARPENTIER, 1966, Prólogo).

No contexto dos países africanos de língua portuguesa está “realidade maravilhosa” aparece de modo difuso como parte da literatura de tradição oral. Analisando os estudos do linguista e missionário suíço Héli Chatelain (1859-1908), realizados na década de 1880 sobre a tradição oral em Angola, Maria Aparecida Santilli (1985) recorda que numa das seis categorias definidas por Chatelain para a literatura oral angolana estava “a das estórias de ficção, denominadas *mi-soso* em quimbundo, estórias que pendem para o maravilhoso, o fantástico, o excepcional” (SANTILLI, p. 7).

No entanto, foi o próprio Pepetela, usando o recurso do intertexto que em seu romance *Lueji: o nascimento de um império* (1997), de fato suscitou o uso do adjetivo animista para compreender as formas e os conteúdos oriundos dos textos africanos e neste caso angolanos (SARAIVA, 2007). O romance traz a questão do animismo em todo o desenvolvimento do enredo, mas uma discussão entre os personagens sobre a melhor forma de fazer a coreografia de um balé moderno que representasse a Angola pré-colonial (a história da rainha Lueji), sem usar a forma europeia, é o momento para explicitar isso:

— Aqui não estamos a fazer país nenhum — disse Lu. — A arte não tem que o fazer, apenas reflecti-lo.

[...] Eu queria era fustigar os dogmas, un, deux, foueté, un, deux, trois, quatre, plié...

— Eu sei, Jaime. Por isso te inscreves na corrente do realismo animista...

— É. O azar é que não crio nada para exemplificar. E ainda não apareceu nenhum cérebro para teorizar a corrente. Só existe o nome e a realidade da coisa. Mas este bailado todo é realismo animista, numa ponta à outra.

Esperemos que os críticos o reconheçam.

[...] O Jaime diz a única estética que nos serve é a do realismo animista — explicou Lu. Como houve o realismo e o neo, o realismo socialista e o fantástico, e outros realismos por aí.

[...] isto que andamos a fazer é sem dúvida alguma. E se triunfamos é graças ao amuleto que a Lu tem no



pescoço.

(PEPETELA, 1997. p. 451-456, apud SARAIVA, 2007, p. 2).

A partir de elementos como a confiança no sobrenatural, no “amuleto que a Lu tem no pescoço”, também a ideia do animismo como estética literária irá traduzir melhor aquilo que Chatelain chamou de estórias que pendem para o *maravilhoso*, o *fantástico*, o *excepcional*, por se tratar de um nome que remete a práticas culturais específicas.

Em *O Desejo de Kianda*, publicado em 1995, 20 anos após a independência do país, Pepetela fictionaliza uma sociedade que enfrenta dificuldades para se adaptar a um contexto que se faz cada vez mais moderno aos moldes dos países europeus e norte-americanos.

Exemplo disso, está no comportamento das personagens Carmina e João Evangelista, cujo casamento marca o início dos desabamentos sistemáticos de prédios localizados no largo do Kinaxixi, na capital Luanda. A narrativa logo nos apresenta a *Kianda*, o espírito das águas na cultura *kimbundu* e o ser responsável pela queda dos edifícios.

Por esses motivos, elegemos analisar as estratégias utilizadas na construção de mundo da narrativa, verificando como as personagens se comportam diante dos eventos apresentados, sempre com foco na figurada *Kianda* e nas ações que a cercam, ou seja, como se relacionam elas com o animismo na narrativa.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, fizemos inicialmente levantamento bibliográfico sobre o tema e buscamos um aporte teórico que melhor se adaptasse ao nosso texto. Em seguida, selecionamos e focamos a nossa análise em personagens do enredo envoltas em acontecimentos insólitos cujo eixo fosse a figura mítica da *Kianda*. Partimos da reflexão sobre o animismo africano em culturas tradicionais como fundamento do chamado “realismo animista” como possibilidade teórico-literária justificada, inclusive, pela ideia firmemente defendida por Alejo Carpentier sobre o “real maravilhoso americano” em *O reino deste mundo* (1949).

Nosso referencial teórico passou, dentre outros, pela reflexão sobre o *animismo* e o *realismo animista*, que vem sendo reverenciado em trabalhos de pesquisadores das Literaturas Africanas em geral e das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, dentre os quais destacamos as pesquisas de Garuba (2003), Saraiva (2007) e Silveira e Vargas (2014).

Harry Garuba (2003), já referido, propõe os conceitos de animismo materialista e inconsciente animista para se referir ao modo de pensar e de viver a realidade africana (cosmovisão tradicional). Para ele, o animismo é “uma designação mais abrangente para um modo de consciência religiosa” e, no “mundo fenomenológico”, a natureza e os objetos que a cercam possuem vida espiritual simultânea e coextensiva com as propriedades naturais (p. 239). Silveira e Vargas (2014), por sua vez, analisam textos africanos à luz do conceito de *inconsciente animista* do já citado Harry Garuba (2003) e de *cosmovisão africana*, de Wole Soyinka (1976),



destacando o posicionamento dos dois autores sobre a classificação dos textos africanos em categorias estéticas europeias e hispano-americanas.

Um dos primeiros trabalhos realizados no Brasil com a proposta foi publicado em 2007, na Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), intitulado “O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa”, de Sueli Saraiva. Nele, a pesquisadora apresenta uma contraposição teórica às definições de “realismo mágico”, “realismo fantástico” e “realismo maravilhoso”, bem como aponta para a não associação do realismo animista a um espaço de nostalgia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As estratégias encontradas advém da apropriação do autor de símbolos culturais de Angola, mais especificamente de Luanda. Essa apropriação foi fundamental para a construção de uma esfera animista na narrativa.

Alguns elementos se mostraram importantes, tais como a introdução da história da mafumeira que chorou sangue - mafumeira é árvore tradicional africana, que preserva a habitação da *Kianda*, e a presença de personagens mais velhos e de suas sabedorias ancestrais, vivendo e atuando de forma ativa em um ambiente contemporâneo. Essa situação aponta a reconstrução e reatualização da tradição angolana no contexto moderno. Um reino que abriga e que homenageia as crenças, os costumes e os mitos nacionais, sem se isolar dos avanços do mundo.

Dessa forma, *O Desejo de Kianda*, se estrutura a partir do que compreendemos por *realismo animista*. A referência ao animismo ocorre, porque o enredo recorre ao espaço mítico-simbólico de Angola, “partindo de um dos elementos constitutivos do imaginário luandense: a teimosa presença da lagoa e sua moradora mais ilustre, a *Kianda*, no atual largo cidadão” (MACÊDO, 2001, p. 246).

CONCLUSÕES

Constatamos, a partir de um aporte teórico-analítico que consideramos adequado, que a noção de *inconsciente animista* de Harry Garuba perpassa toda a narrativa de Pepetela, assim como a noção de *cosmologia africana* de Wole Soyinka. As análises nos levam a constituir a obra *O Desejo de Kianda* como um romance do *realismo animista*.

Conforme afirma Saraiva sobre o exercício de “fustigar os dogmas” da crítica literária, os romances africanos de língua portuguesa, estruturados a partir de um pensamento animista, deveriam ser fixados em uma categoria literária que compreenda as suas singularidades, sem que os textos sejam encaixados em formas estéticas pré-existentes da cultura Ocidental.



AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica concedida para a realização da pesquisa que deu orientação deste trabalho e a professora orientadora, Sueli da Silva Saraiva, ano no apoio às pesquisas realizadas no projeto "Literatura, neocolonialismo e resistência nos países africanos de língua portuguesa", como na orientação deste estudo.

REFERÊNCIAS

CARPENTIER, Alejo. "Prólogo". In: O reino deste mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (orgs.). Portanto...Pepetela, São Paulo: Ateliê, 2009.

GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução de Elisângela da Silva Tarouco. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 19, p. 235-256, 2012. Disponível em: www.redalyc.org/pdf/5124/512451673021.pdf. Acesso em: 20 jan 2020.

_____. On animism, modernity/colonialism, and the African order of knowledge: Provisional reflections. e-flux 36. 2014. 10p. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/36/61249/on-animism-modernity-colonialism-and-the-african-order-of-knowledgeprovisional-reflections/> Acesso em: 10 de mai de 2021.

MACÊDO, Tânia. Caminhos da escrita de uma cidade: a presença de Luanda na literatura angolana contemporânea In: Scripta, v. 5, n. 8, p. 240-249, 9 mar. 2001.

_____. Luanda, cidade e literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PEPETELA. O Desejo de Kianda. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

_____. Lueji: o nascimento dum império. Luanda: UEA, 1989.

SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. São Paulo: Ática, 1985.

SARAIVA, Sueli. O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa. Anais Encontro Regional da ABRALIC, 2007a, p. 1-10. Disponível em: Acesso em: 28 de ago. 2019.

_____. Fustigar os dogmas: Singularidades da crítica africana e africanista. Revista Crioula, n. 2, 2007b. 10p.

SILVEIRA, Regina. C. Da; VARGAS, Débora. J. R. O insólito na literatura e a cosmovisão africana. Letras & Letras, v. 30, n. 1, p. 207-218, 27 mar. 2014.

